

**MAGALHÃES, Maria Cristina Soares. O Trágico na Travessia do Sertão: Miguel de Unamuno e João Guimarães Rosa.** Curitiba: CRV, 2017. 180 p.

Luiz Magno M. de Abreu \*

Não há como escapar da vida, exceto quando se morre. Esta afirmação, à primeira vista tão óbvia, traz em si a dimensão da tragicidade da existência. Travessia perpetrada por desafios e dúvidas, sertão árido dentro e fora de cada um. Paradoxo. Cruz. Finitude. Determinismo insuperável? É o que nos conta Maria Cristina Soares Magalhães na síntese de sua tese doutoral, uma interpretação lírico-filosófica do cruzamento da palavra poética em Miguel de Unamuno e João Guimarães Rosa, agora reformulada e publicada em formato livro pela Editora CRV.

Mistério. No-nada. A existência é plena de paradoxos e encruzilhadas, tensão de forças antagônicas, morte e vida. Em detrimento do dualismo positivista, a verdade múltipla, razão e desrazão como unidade indissolúvel, vontade, sentimento, corpo, carne e osso. Homem metamorfose. Homem filosofia. Validade contida no processo de validação da vida que se eterniza na finitude. Tentativa de resgate da confusa natureza humana na unidade mito-logos; dionisíaca, unamuniana, rosiana. Em meio às desgraças, a possibilidade do belo por meio dos sonhos e da fantasia, a alternativa da criação estética da linguagem que supera e rompe com os fatalismos, encontro do trágico com o divino: a esperança e a luta severina por dias melhores. Fé como invento. Consciência ativa.

Nos seis pequenos e densos capítulos que integram a obra *O Trágico na Travessia do Sertão: Miguel de Unamuno e João Guimarães Rosa*, a autora costura a vida e a criação literário-filosófica desses dois sertanejos unidos pela palavra poética, construtora de um logos estético na

---

\* Graduando em filosofia pela PUC-MG. Bolsista de Iniciação científica (PROBIC/FAPEMIG). Professor de Filosofia no ensino médio na rede particular de ensino. Membro do Grupo de Estudos Filosofia e Educação (Grupelho/FaE – UFMG). E-mail: luiz.mmabreu@gmail.com.

travessia escura do sertão. Enfatiza e enaltece a vitória da vida sobre a morte através de uma poética que expulsa o mal da finitude e torna o instante eterno por meio da palavra. As vivências trágicas de Miguel de Unamuno quanto de Guimarães Rosa encontraram fértil solo onde floresce o Buriti, coração em busca de sombra. Universalizando a tragicidade do herói contemporâneo através de Don Quijote e Riobaldo, acompanhados de Sancho e Diadorim, entre outras personagens, transfiguraram sua dor na assunção da vida. No chão ressecado do sertão-mundo cultivaram a flor da esperança, doce verde do porvir, instante eterno.

Unamuno ecoou em seus escritos o espírito de independência do povo Basco. Revivia sempre, por meio de seus contos, sua origem conturbada, porém bela, pois aliada à paisagem de sua terra, que lhe ocupava a mente em momentos de angústia. Sentia fortemente o peso da cruz, metáfora da existência, jugo do homem, encruzilhada onde se evoca o demônio e, ao mesmo tempo, se simboliza a divindade. Eco. Da perda do filho à dor da guerra, do exílio à morte solitária, Unamuno suavizava o trágico da vida por meio de sua narrativa-poesia. Sua postura combativa contra o poder totalitário e a verdade revelada refletiam sua defesa da multiplicidade da diferença.

Da religião busca o que havia de mais imanente, a crença útil ao mundo da vida del hombre concreto de carne y hueso, a verdade experimentada na prática existencial. Don Quijote, personificação da bondade e da fé, através de uma hermenêutica filosófica, é descrito como o novo cristo inscrito entre os homens, como homem, beleza da insana crença na mudança em meio às inexorabilidades. Água que jorra em meio às pedras. Consciência criadora que deve reger a vida. Fonte de inspiração. Quijotismo filosófico. Aliando razão e mito, Unamuno distancia-se dos cervantistas. Sancho Pança é para ele a porção de razão que acompanha Quijote, apesar de reconhecer os moinhos de ventos como não sendo gigantes, confirma a utopia de seu amo. Fogo que deve arder em todo povo superando o niilismo desesperador, deixando falar seus sonhos. A palavra poética é a superação da singularidade da tragicidade, possibilidade de autorreconhecimento da consciência. O personagem-herói é a catarse das mazelas do povo sertanejo.

Como belíssimamente nos conta a autora, Unamuno, através de sua Filosofia-poesia, promove uma ruptura para com a racionalidade puramente abstrata, propondo uma conjugação entre razão e afeto, significado e significante, retorno ao imaginário mítico muito bem explicitado em sua poesia e teatro. “Retorna a Sócrates e a Platão para resgatar o supremo Bem, a música, a

poesia, o teatro e a literatura, que constituem a fonte original de sua filosofia-poesia” (MAGALHÃES, 2017, p. 79). Metáfora como prosopopeia, comunicação de vida inalcançável pela razão pura, filosofia-vida sondável pelo coração. Dimensão sublime do trágico, possível pela fantasia mitopoética. Razão criadora.

Herdeiro-neto de Miguel de Unamuno, assim se reconhecia Guimarães Rosa. Também marcado pelas vivências de sua terra, sempre esteve ferreteado pela cultura e oralidade de seu povo, embora sua prosa universal. Mineiro, sertanejo, perpetuou em sua narrativa-poesia a superação do trágico vivido por meio de personagens conceituais que o traduziam. Figuras estranhas e patéticas que narravam sua travessia pelo sertão-mundo, acompanhado de Aracy. Carregou o fardo do sertanejo, morreu cedo, voou rumo ao seu presságio. Entretanto, eternizou-se em sua palavra. “Terceira margem do rio”.

Em Rosa, “A cruz torna-se a metáfora máxima na encruzilhada da travessia, em que finitude e infinitude mostram-se recriadas na fantasia [...]” (MAGALHÃES, 2017, p. 111). Na forquilha do sertão, “Deus é o signo e o significante do mistério”, auxílio na escolha do adentramento da vereda, fluxo de água, espelho, oportunidade que se abre em meio ao aperto do caminho. Cruz. Encruzilhada. Deus e o diabo habitam o homem. Paradoxo. É no tempo mítico interior que o homem vence o diabo, assumindo-se numa tensão que o aflige, mas o fortalece espiritualmente.

“Rosa descobre, no poder de sonhar, a potência vital que o aproxima da premissa de Unamuno” (MAGALHÃES, 2017, p. 125). A confirmação da vida no espírito combativo se dá na palavra poética, que expulsa o mal de dentro do sertão.

A filosofia-poesia em Unamuno e Rosa são originárias do coração. Por ela se explicita o caos trágico da existência que se transfigura em doçura, vitória da vida sobre a morte. O sentido trágico da existência se encontra num jogo de luz e sombra, palavra poética, metafórica, aliada ao mito. Dor que habita as minorias silenciadas, mas que ganha voz nas narrativas desse “avô” e “neto”, homens de carne e osso, poetas sertanejos. Em resumo, a travessia anunciada no livro é esta: “O ser expõe o embate trágico, anuncia o limite do racional, a provisoriedade do instante finito, mas se imortaliza no átimo de eternidade” (MAGALHÃES, 2017, p.166). Nonada. Símbolo do infinito.

Deixemos ao leitor a curiosidade dessa travessia. Todo louvor à obra da professora Maria Cristina Soares Magalhães, que escreve sobre poesia com poesia, e torna nossa finitude, no momento em que lemos sua narrativa-lírica, em instantes de eternidade.